

A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NA CRECHE

Cleidiane Sobreira de Sousa Castro¹

Edlane de Freitas Chaves²

RESUMO

A produção deste artigo apresenta um relato de experiência elaborado durante o processo de adaptação de crianças bem pequenas na educação infantil. Tem como objetivo principal, discutir a relevância da documentação pedagógica durante o período de adaptação de um grupo de crianças de dois anos, em um Centro de Educação Infantil (CEI), localizado na Região Metropolitana de Fortaleza. E, como objetivos específicos: refletir sobre o uso da documentação pedagógica como estratégia para o acompanhamento das relações e dos saberes que se constituíram no referido contexto; apresentar as experiências documentadas durante o processo de adaptação das crianças. As contribuições de autores como Rapoport (2001), Fochi (2015); Oliveira-Formosinho (2007) e Ostteto (2018) fundamentaram as discussões acerca da documentação pedagógica e do processo de adaptação. Trata-se de uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo. Os dados foram construídos por meio de observação participante, sendo a documentação pedagógica a estratégia utilizada como apoio ao registro das informações do que foi observado no campo de pesquisa. Com o referido estudo foi possível perceber a relevância da documentação pedagógica durante o período de adaptação das crianças no CEI, como estratégia para o acompanhamento das relações e dos saberes que se constituíram no decorrer do referido processo.

Palavras-chave: Documentação Pedagógica. Adaptação. Creche.

INTRODUÇÃO

Os espaços voltados para o atendimento de bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas tem passado por muitas mudanças nos últimos anos. Os estudos sobre o desenvolvimento da criança, bem como da infância como uma etapa específica da vida, enredaram a criação de uma legislação que atenda às especificidades deste período da vida, que aliados as lutas dos movimentos sociais contribuíram para a efetivação do direito à creche como espaço próprio de práticas educativas.

Embora muitas conquistas educacionais voltadas para a primeiríssima infância brasileira tenham acontecido desde a inclusão da Educação Infantil como primeira etapa da educação básica na Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (BRASIL, 1996), ainda existem práticas educativas equivocadas baseadas em uma pedagogia

¹ Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Estadual do Ceará- UECE, cle.sobreira@gmail.com;

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – FACED/UFC, edlane.chaves77@gmail.com.

considerada “ótima”, que segundo Formosinho (2007) se compromete com uma burocratização que padroniza o atendimento infantil e suas práticas.

A imagem da creche como espaço positivo onde as famílias preferem deixar seus filhos é predominante entre as famílias, principalmente sob a justificativa do trabalho materno, como afirma Rosemberg (1989):

A proposta de creche, portanto, até época bastante recente, não conseguiu romper com a representação idílica da socialização da criança pequena pela maternagem compulsória, não sendo tida como uma instituição destinada à educação de todas as crianças, mas apenas como um equipamento substituindo certas mães: aquelas que trabalham fora (p. 90).

Mesmo diante de muitos desafios persiste a luta por uma educação infantil que valorize a criança como sujeito de direitos, que é potente, ativa, criativa, participativa, que tem direito a práticas educativas responsivas, que possibilitem situações ricas de explorações, experimentações e descobertas.

Considerando as referidas ideias, a vinculação entre educar e cuidar na Educação Infantil, se consolida entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Para tanto, a proposta pedagógica da instituição de educação infantil deve ser o plano orientador das práticas educativas, respeitando os princípios éticos, políticos e estéticos. (BRASIL, 2009)

A Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI, que considera a criança como centro do currículo destaca a importância de um conjunto de práticas que busquem articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico na busca de um desenvolvimento integral da criança até os 5 anos e 11 meses de idade. (BRASIL, 2009)

O uso da Documentação Pedagógica como estratégia para abordar o referido processo é um elemento de relevância nesta produção. Para tanto, este artigo propõe refletir sobre o processo de adaptação das crianças no contexto da creche, considerando os aspectos principais que envolvem a chegada das crianças na instituição, ou mesmo na nova turma, tendo em vista, a organização do ambiente, o papel do professor, o planejamento das práticas educativas, bem como a relação entre as crianças, as professoras e as famílias.

Segundo Ostteto (2018, p.20) “A prática da documentação pedagógica, inspirada em Reggio Emília no contexto italiano, pressupõe observar cuidadosa e atentamente as maneiras próprias de as crianças de relacionarem e construírem conhecimentos sobre o mundo”.

Nesta perspectiva, a produção deste artigo tem como objetivo geral: discutir a relevância da documentação pedagógica durante o período que abrange o processo de adaptação de um grupo de crianças de dois anos, em um Centro de Educação Infantil – CEI, localizado na Região Metropolitana de Fortaleza. E, como objetivos específicos: refletir sobre o uso da documentação pedagógica como estratégia para o acompanhamento das relações e dos saberes que se constituíram no referido contexto; apresentar as experiências documentadas durante o processo de adaptação das crianças.

Deste modo, as discussões propostas neste artigo estão organizadas conforme proposto nos referidos itens: introdução; adaptação – uma reflexão constante; documentação pedagógica; metodologia; resultados e discussões; e, considerações finais.

ADAPTAÇÃO – UMA REFLEXÃO CONSTANTE

Iniciar um ano letivo em espaços de acolhimento infantil não é nada simplório, principalmente quando se trata de bebês e crianças bem pequenas. Existe toda uma energia que atravessa familiares, crianças, instituições e educadores, cada uma com seus medos, anseios, perspectivas e desafios.

Reis (2016, p. 37) ao abordar acerca do momento de “adaptação ou inserção” dos bebês nas creches, ressalta que, “a entrada dos bebês na creche é um processo intenso e delicado e nos possibilita aprender bastante sobre os modos diversos como eles lidam com essa situação”.

Nesse processo, toda uma estrutura é organizada para acolher as crianças, que compreende desde a organização do ambiente ao planejamento das práticas educativas visando facilitar o período de adaptação. Mesmo com toda essa organização não é garantido que as crianças tenham uma adaptação tranquila, visto que o processo de adaptação de bebês e crianças bem pequenas na creche, não é um processo simples e linear, podendo ocorrer retrocessos.

Segundo Rapoport (2001), para facilitar esse período de adaptação da criança, em alguns espaços muitas ações são pensadas, como a redução do horário das crianças nos primeiros dias para amenizar a sensação de abandono e sofrimento; a criança toma posse de um objeto de referência da sua casa; e, ações de aconchego e pertencimento realizadas pelos professores, dentre outras. Entretanto, o processo de adaptação ainda é muito doloroso, não apenas para a criança, mas também para os professores, que carregam suas ansiedades, medos e inseguranças, e que muitas vezes é o último a ser pensado em todo esse processo.

Outros pontos a considerar que envolvem o período de adaptação refere-se aos sentimentos dos familiares a respeito do ingresso da criança na creche, as especificidades de cada faixa etária, o tempo da criança nos diferentes espaços da instituição, a forma como é organizado o atendimento, o tamanho do grupo adequado a cada faixa etária, o espaço físico para acomodação das crianças e professoras, o planejamento da rotina, bem como as condições de trabalho e a formação de professores. Tais cuidados podem facilitar na construção das relações entre as crianças, professores e famílias durante o processo de adaptação na creche, segundo Rapoport (2001),

A adaptação muitas vezes é difícil não só para criança, mas também para a família e a educadora, pois implica em reorganizações e transformações para todos. A forma como este processo é vivenciado pelas pessoas envolvidas influencia e é influenciada pelas razões das crianças. (p. 83)

Desta maneira, discutir sobre o período de adaptação na creche partindo da perspectiva de que tanto a instituição quanto a família estão envolvidos neste processo é um importante fator que pode corroborar para que esse momento de inserção seja menos sofrido para as crianças, respeitando suas singularidades, tempos e ritmos.

Considerando a atenção em acompanhar tanto esse momento de inserção e adaptação das crianças na creche, como o decurso de seus processos de desenvolvimento e aprendizagem, cabe destacar o uso da documentação pedagógica como estratégia que pode apontar os desafios, possibilidades, descobertas e ações que possibilitem responder “Quem se adapta a que ou a quem?”, como a outras indagações que sejam pertinentes as relações cotidianas construídas na creche.

DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Pensar sobre os primeiros encontros de crianças bem pequenas em um CEI é olhar para além das entrelinhas, implica revisitar emoções, medos, interações, estabelecer confiança, criar vínculos, reavaliar posturas e criar um mundo de abertura para o desconhecido, abrindo espaço para novas aprendizagens.

Nesta perspectiva, o exercício da observação, da reflexão e do registro que envolve a ação educativa na creche é um aspecto destacado neste artigo. Ostetto (2018) ao discutir acerca da relevância dos registros no cotidiano da Educação Infantil, destaca:

Para registrar, no cotidiano vivido com um grupo de crianças, é necessário observar ações, reações, interações, proposições não só das crianças, mas também do próprio docente. É preciso ficar atento às dinâmicas do grupo, às implicações das relações pedagógicas, com um olhar aberto e sensível, pois registrar é uma técnica, nem tampouco pode ocorrer de forma automatizada, como o espelho real (p. 22).

Refletir sobre esses registros, especialmente no período de adaptação, se utilizando como estratégia a documentação pedagógica, através de fotos e vídeos nos auxilia na compreensão das crianças, bem como muda a perspectiva do educador, de observar as crianças e estudá-las.

Para Forman (2016), a documentação propõe questionamentos sobre as ideias das crianças e faz um convite às previsões sobre o ensino efetivo.

O professor pode mostrar uma foto ou um vídeo de uma experiência e pedir para as crianças refletirem sobre suas intenções, seus propósitos, suas suposições e suas expectativas sobre as ações que, estão vendo na fotografia ou vídeo. Note que, comparada a uma fotografia estática, um registro em vídeo “carrega” a memória da ação para o vídeo e assim permite que as crianças usem o espaço mental para pensar sobre as coisas não vistas, como o propósito e a intenção, o “porquê” do comportamento, em vez de “o que”. (FORMAN, 2016, p. 257)

Sendo assim, a documentação pedagógica possibilita o protagonismo infantil, expandindo o olhar sobre os espaços da creche, os princípios pedagógicos e o seu funcionamento. Ela permite questionar os pensamentos dos educadores sobre as crianças, ao invés de marcar o progresso de cada criança, e embora seja pensada como uma forma de avaliação sistemática de instrução, não deve estar relacionada com avaliação. Nesse processo é importante valorar a fala do discurso, respeitando e ouvindo a voz dos envolvidos, como nas palavras de Ostetto (2018):

Documentar é contar histórias, testemunhar narrativas a cultura, as ideias, as diversas formas de pensar das crianças, é inventar tramas, poetizar os acontecimentos, dar sentido à existência, construir canais de ruptura com a linguagem” escolarizada”, tradicionalmente cinzenta, rígida, enquadrada, que tantas vezes silencia adultos e crianças. Documentação é autoria, é criação. (p.26)

Para tanto, é necessário compreender a observação a partir da escuta atenta das crianças e refletir sobre os significados de suas vozes e gestos, para então perceber caminhos apontados para o planejamento a partir das diferentes linguagens e considerar o corpo, o gesto e movimento como elementos fundamentais para o processo de aprendizagem, não conceber a criança como sujeito estático e inativo.

Para Fochi (2018) a documentação pode ser percebida como uma construção do conhecimento praxiológico na e para a educação infantil. Assim, o processo de documentação se dá a partir de um ciclo de espiral em que se observa, registra e interpreta, acontecendo ao mesmo tempo a construção da documentação, produção de observáveis para construir o caminho investigativo, projetando e reprojetando a ação educativa, estabelecendo uma comunicação constante tendo como base seis pontos de comunicação: O quê? Onde? Para quem? Quando? Com quê? Como?

Conforme Rinaldi (2012, p.129), “garantir escutar e ser escutado é uma das funções mais primordiais da documentação”. Assim, o olhar atento e a escuta sensível das professoras em relação as crianças na experiência vivenciada no CEI foi fundamental para a construção da documentação pedagógica, que possibilitou uma melhor compreensão acerca do processo de adaptação na referida instituição educativa.

Deste modo, com o relato apresentado neste artigo pretende-se tornar visível as aprendizagens e experiências das crianças bem pequenas no período de adaptação, com atenção a triangulação necessária entre ações e práticas, valores e crenças, saberes e teorias conforme propõe Oliveira-Formosinho (2007), no tocante a intencionalidade pedagógica na Educação Infantil.

METODOLOGIA

Para a realização deste estudo a abordagem de cunho qualitativo baseia-se no que acontece no cotidiano de uma instituição de educação infantil, considerando os seus limites e possibilidades, na busca de um crescer junto na caminhada pelo conhecimento.

De acordo com Gil (2002), no estudo de campo, o pesquisador estabelece uma experiência direta com a situação de estudo. Assim, este trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de campo. O estudo de campo foi utilizado na investigação como instrumento na construção de dados a partir das observações.

As informações foram construídas pelo processo de observação participante, escuta sensível, na partilha dos conhecimentos e na tessitura dos diferentes saberes. A documentação pedagógica possibilitou sustentação à pesquisa como estratégia pedagógica no espaço de educação, que é um CEI. Os sujeitos envolvidos são crianças bem pequenas e professores da instituição que trabalham com crianças na faixa etária de dois anos.

O *corpus* foi constituído a partir de observações das crianças no período de adaptação e da literatura sobre documentação pedagógica e adaptação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Observar as primeiras ações da criança no período de adaptação no CEI possibilitou ampliar o olhar, rever posturas, aprender sobre o processo de aprendizagem das crianças e avaliar se de fato a escuta sensível das crianças existe, apesar das limitações estruturais e humanas. Para tanto, foi importante perguntar quais são as contribuições da documentação pedagógica durante o período que abrange o processo de adaptação de um grupo de crianças de dois anos.

1º Encontro – A chegada das crianças bem pequenas à creche desperta vários sentimentos como: alegria, acolhimento, ansiedade e medo. Mesmo algumas crianças sendo veteranas muitas chegadas vieram carregadas de choro, insegurança e sensação de abandono, por isso, as professoras passaram dias se preparando para recebê-las, pensando num encontro que pudesse estabelecer amor, segurança, carinho, afeto e profissionalismo.

As crianças foram recebidas na porta com o sorriso de duas professoras e por algumas crianças que apresentavam maior segurança. Algumas vieram direto para o colo, chorando, outras adentraram o espaço da sala referência e logo percorreram a tenda literária, o bambolê das sensações e a árvore de e.v.a. que continha um espelho, enquanto outras exploraram todos os demais espaços disponíveis. No referido momento foi importantíssimo a mediação do professor, bem como, a reflexão sobre as interações de todos os sujeitos envolvidos no processo. Segundo Gonzales-Mena, Janet (2014),

Logo, interação, isto é, o efeito que uma pessoa tem sobre outra, é também uma expressão-chave. Mas as relações não se desenvolvem a partir de qualquer tipo de interação; elas se desenvolvem a partir daquelas que são respeitadas, positivamente reativas e recíprocas. Você pode pensar nelas como os três Rs da educação e dos cuidados com bebês e crianças, ou como **interações de três Rs** (p. 04)

Com o passar dos dias as professoras foram percebendo que uma criança, ao chegar no colo de um familiar aumentava seu choro no momento da despedida. Para amenizar esse sofrimento, foi orientado aos familiares que tentassem trazê-lo no chão desde o portão de entrada. Com um tempo foi possível observar uma diminuição do choro. Uma mãe viu o choro da criança e ressaltou para a professora e para uma mãe presente sobre a importância dessa chegada caminhando, disse que já vem trabalhando isso com o seu filho, e como fazia um curso de auxiliar de creche, usava o conhecimento apreendido e percebeu progressos na segurança emocional do filho.

O ambiente tornou-se o terceiro educador. Foi observado que as crianças se deleitavam sobre a tenda e os livros de literatura acessíveis, passaram por dentro do bambolê das sensações e realizaram jogos de aparecer e desaparecer com os seus pares, observaram as imagens (crianças de várias etnias, raça, cor) coladas nas paredes próximas à tenda literária e o bambolê das sensações, objetivando a identificação das mesmas através das imagens. De acordo com a afirmação de Schwall (2019):

(...) Os materiais são vínculos para expressar e comunicar e fazem parte do tecido das experiências e dos processos de aprendizagem das crianças, em vez de serem produtos separados. As crianças apresentam uma receptividade inata às possibilidades que os materiais oferecem e integram com eles para produzir sentido e estabelecer relações, explorar e comunicar. (p. 66)

Gradativamente, o choro de algumas crianças foi cessando e abrindo espaço para a curiosidade sobre o ambiente e a interação. Mesmo havendo choro, o colo e o diálogo eram estratégias utilizadas para acolher as crianças. Algumas até paravam de chorar, mas quando viam o familiar na chegada, chorava, expressando seus sentimentos e comunicando o que sentiam.

2º Encontro – O segundo dia de encontro faz refletir o que ficou faltando e quais foram as reais necessidades das crianças. Será que as propostas foram alcançadas? O que é necessário mudar pensando numa dimensão humana e curricular maior. O que dizem as crianças para o planejamento?

No dia anterior as professoras chegaram à conclusão de que faltou o contato maior das crianças com a areia e os pneus disponibilizados no pátio. Também foi observado que nesse mesmo dia as crianças saíram da mesa do refeitório e queriam correr pelo pátio, o que devido alguns choros e a ausência de alguns braços para acolher as inúmeras demandas da rotina de uma creche, o tempo disponível para explorar esse ambiente foi curto. Assim, no dia seguinte, após o acolhimento das crianças, a troca de roupa e o lanche, as professoras conversaram com as crianças e as convidaram para o parque de areia, levando vários brinquedos para que elas pudessem brincar com a areia, se socializarem e interagir com os seus pares. Era visível o envolvimento das crianças, a descoberta ao colocar e derramar a areia dentro do balde, a concentração dedicada, o compartilhar dos brinquedos, a sensação ao explorarem os campos sensoriais que permeiam essa ação (pegar, largar, amassar, cheirar, levar a boca, etc.) e ao explorarem toda dimensão global do corpo para brincarem com a areia.

Algumas crianças apresentaram resistência para deixar o parque, mas devido à rotina estabelecida no CEI, infelizmente foi necessário controlar esse tempo. Nesse contexto, a flexibilização do planejamento é fundamental, afinal, o mesmo não deve ser fechado e imutável, deve ir se adaptando de acordo com o envolvimento e necessidade dos sujeitos envolvidos.

3º Encontro – Para o início do ano letivo foi pensado ações que focassem a casa da criança, bem como as diferenças existentes entre a creche e o seu lar. A hora do conto trouxe a música “casinha torta” para explorar essas diferenças. As crianças puderam visualizar a letra da canção em um cartaz, bem como em formato de vídeo, e através de palitoches com uma história criada pelas professoras e as crianças. Algumas crianças seguraram os palitoches, se movimentavam e brincavam tentando cantar a canção “casinha torta”. A ação proposta não prendeu a criança no espaço da rodinha, foi dado o direito a criança permanecer ou não nesse

espaço. Algumas prefeririam explorar os brinquedos disponibilizados em um cesto, no chão, antes do término da história.

4º Encontro – O dia amanheceu com muita chuva e quer sensação melhor se não brincar na chuva, afinal, quem está na chuva é para se molhar! As ações se voltaram para exploração do pátio, e como choveu em alguns locais formaram-se poças d'água bem próximas ao parque de areia. Como as crianças são corpo, gesto e movimento, e necessitam de espaço para vivenciar e aprender, após o lanche, as professoras deixaram as crianças explorarem todos os espaços. Algumas subiam nos pneus, brincavam com a areia molhada dentro do pneu e riam ao experimentar uma sensação sensorial e visual diferente. Outras riam ao jogar a areia para o alto e corriam de um lado para o outro expressando toda vivacidade que é de um ser em liberdade. Brincavam com os pés nas poças e observavam a suas pisadas, riam ao olhar para os seus pares.

Um dos momentos marcantes foi às crianças correndo na chuva e brincando na poça d'água. Elas riam, pulavam, testavam movimentos e se entregavam as aprendizagens que eram proporcionadas por aquela vivência. Algumas corriam atrás uma das outras e emitiam sons para se comunicarem com os seus pares. Uma professora que passava comentou que as crianças estavam agitadas, mas a professora envolvida naquela vivência disse que as crianças precisam ter momentos assim, elas precisam sentir a liberdade e explorar tudo que é possível em um tempo e espaço presente. Após esse momento elas foram direcionadas para o banho, almoço e sono.

As crianças foram estimuladas a buscarem sua própria comida, escovarem os dentes e dormirem sozinhas, mas sempre com o apoio das professoras. O ambiente para o relaxamento foi organizado com uma música de fundo e uma baixa iluminação. Nesse horário a estagiária já tinha chegado para dar suporte. As duas professoras se posicionaram entre os colchonetes para dar apoio às crianças, principalmente aquelas que ainda choram no momento do relaxamento. Houve um episódio em que uma criança não dormiu, mas foi orientado a estagiária que não a obrigasse e se possível disponibilizasse um local para ela explorar. É importante ressaltar que as educadoras saem da sala às 11h00min e retornam 13h00min.

5º Encontro – Uma das professoras teve a oportunidade através de um convite assistir um vídeo sobre uma experiência educacional em San Miniato (na Itália) e sua estrutura educacional. No dia seguinte, ao chegar na creche propôs a outra professora (sua colega de sala) que construíssem junto as crianças um espaço contendo peças de roupa, caixa com brinquedos, por exemplo: pente, pote de xampu vazio, escova de cabelo, secador de

brinquedo, etc. A reação das crianças foram variadas: elas retiravam a roupa do varal e as colocavam, vestiam e tiravam as peças, dançavam, dialogavam umas com as outras e imitavam os gestos de quem estava desembaraçando os cabelos, compartilhavam objetos, mudavam a caixa com os acessórios do lugar e estabeleciam uma relação de pertencimento durante aquela construção.

Os registros desses momentos foram riquíssimos e fizeram perceber o quanto às crianças são capazes, potentes e aprendem o tempo todo. Um ambiente com materiais estruturados e não estruturados ampliam o repertório das crianças e dos adultos envolvidos e a formação continuada é fundamental para essa conquista, aliado a uma boa base teórica e um olhar sensível em que é valorizado tudo o que é realizado pelas crianças. Porém, é importante ressaltar a rigidez quanto a rotina referente aos horários de alimentação, banho e sono.

Mesmo percebendo uma construção docente das professoras numa perspectiva de uma pedagogia da participação, elas ainda tentam ter o controle do planejamento ao planejar, por exemplo, a temática casa, sem considerar a voz das crianças no momento inicial. O planejamento foi estruturado uma semana antes, por orientação da coordenação. Elas enquanto docentes, poderiam receber inicialmente as crianças e somente depois dessa escuta desenvolver o planejamento. Porém, não houve sensibilização nessa perspectiva. Tal aspecto condiz com a afirmação de Fochi (2015):

(...) é um contrassenso afirmarmos a imagem de criança capaz, quando todos os artefatos do grande tema da pedagogia se encontram ainda em uma dimensão positivista, isolando e linearizando os componentes da escola (currículo, avaliação, planejamento, rotina de projetos), marcada ainda pela ideia de previsibilidade, ou seja, da estruturação adulta sobre a atividade da criança, a fim de verificar um resultado já antevisto, de pensamento linear e, especialmente, com marcos prefixados, que avalizam a criança e ditam os conteúdos a serem ensinados. (p. 42)

Deste modo, acredita-se que a adaptação vai além da chegada das crianças nas instituições, e nos traz um importante questionamento: Quem se adapta a que ou a quem?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os registros diários aproximam da práxis necessária nas instituições de educação infantil e levantam reflexões baseadas nos saberes e práticas pedagógicas realizadas por crianças e adultos, que se fazem protagonistas do processo educacional, abordando a dimensão estética da documentação pedagógica no cotidiano da instituição infantil.

Neste sentido, a documentação alimenta o planejamento, comunica e dá visibilidade ao cotidiano pedagógico. As narrativas aqui tratadas possibilitaram uma abertura sensível de reconhecimento do outro, suas vozes, expressões e identidade, nos quais as crianças puderam

nos seus tempos e espaços expressarem e revelarem os seus diferentes saberes e múltiplas formas de pensar.

A produção deste trabalho possibilitou pensar sobre os desafios vivenciados nas relações, conhecer as formas de registrar e os conteúdos presentes nas práticas pedagógicas, produzindo memórias sobre o cotidiano educativo. Essas memórias trouxeram as diferentes maneiras de ver os professores, as crianças e suas famílias.

Realizar este estudo proporcionou perceber a relevância da documentação pedagógica durante o período de adaptação das crianças do CEI investigado, como estratégia para o acompanhamento das relações e dos saberes que se constituíram no decorrer do referido processo.

Deste modo, apresentar as experiências documentadas durante o processo de adaptação das crianças, propiciou uma maior atenção do olhar docente para a criança como centro da ação educativa, por meio da escuta sensível das crianças e das professoras, em busca de uma pedagogia pautada na participação.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho da educação Básica. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

FOCHI, Paulo. **Afinal, o que fazem os bebês no berçário? Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva**. Porto Alegre: Penso, 2015.

FORMAN, George. Aprendizagem negociada pelo design, pela documentação e pelo discurso. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella (Org.). **As cem linguagens da criança: A experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016. (p.257).

GIL. Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZALES-Mena, Janet. **O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche: Um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas**. Porto Alegre: AMGH, 2014. (p.3-21).

KIRP, D. **The sandbox investment**. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

OLIVEIRA – FORMOSINHO, Júlia. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: KISHIMOTO, Morchida, Tizuko; PINAZZA, Appezzato, Mônica (Orgs.). **Pedagogia(s) da Infância: Dialogando com o passado, construindo o futuro**, Porto Alegre: Artmed, 2007.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. – Campinas, SP: Papirus, 2008.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Registro na Educação Infantil: Pesquisa e prática pedagógica** – Campinas, SP: Papirus, 2018.

PINAZZA, Mônica Appezzato; FOCHI, Paulo Sérgio. Documentação Pedagógica: observar, registrar e (re) criar significados. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 19, n 40. p.184-199, maio/ago. 2018.

RAPOPORT, Andrea. Piccinini, Cesar Augusto. **O Ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas à Creche: Alguns Aspectos Críticos**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2001, 14(1), pp. 81-95.

REIS, Lucilane. Adaptação ou inserção? O momento de entrada dos bebês nas creches. In: FILHO, Altino José Martins (Org.). **Educar na creche: Uma prática construída com os bebês e para os bebês**. Porto Alegre: Mediação, 2016. (p. 37).

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, investigar e aprender**. 1.ed. São Paulo: Paz e terra, 2012. (p.129).

ROSEMBERG, Fúlvia. O movimento de mulheres e a abertura política no Brasil: O caso da creche – 1984. In: ROSEMBERG, Fúlvia (org.). **Creche**. São Paulo: Cortez, 1989. (p.90) (Coleção Temas em Destaque).

SCHWALL, Charles. O ambiente e os materiais do ateliê. In: GANDINI, Lella; HILL, Lynn; CADWELL, Louise; SCHWALL, Charles (org.). **O papel do ateliê na educação infantil: A inspiração de Reggio Emilia**. Porto Alegre: Penso, 2019. (p. 66).